

MACHISMO E FEMINISMO EM CONFRONTO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DOS APLICATIVOS TUBBY E LULU

CONFRONTATIONS BETWEEN MACHISMO AND FEMINISM ON SOCIAL NETWORKS: THE CASE OF TUBBY AND LULU APPLICATIONS

Dantielli Assumpção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, PR, Brasil

Lucília Maria Abraão e Sousa
Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1997), mobilizando as noções de assujeitamento e corpo, analisará alguns posts da Marcha das Vadias de Brasília, publicados na página do *Facebook* do movimento e alguns textos jornalísticos sobre os aplicativos para celulares Tubby e Lulu. Nesses aplicativos, homens e mulheres são avaliados em relação a seu desempenho sexual. Mostraremos, ao analisarmos os textos sobre os aplicativos, como o machismo e o feminismo são colocados em confronto ao se produzir um dizer sobre a sexualidade masculina e feminina. Há a circulação na sociedade em rede, a qual vive conectada a seus celulares e a seus aplicativos, de discursos que sustentam a dominação masculina sobre o feminino. Todavia, há, nessa mesma rede, a constituição de espaços de resistência que buscam questionar certos sentidos impostos à mulher e a seu corpo pela sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Aplicativos; Redes Sociais; Feminismo; Machismo.

Abstract: This paper, from the theoretical perspective of French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1997), mobilizing notions such as subjection and body, examines some posts by Marcha das Vadias de Brasília (The SlutWalk from Brasília), published on Marcha das Vadias Facebook page and also some newspaper articles on Tubby and Lulu cellphone applications. In these applications, men and women are assessed for their sexual performance. During our analysis, we demonstrate how machismo and feminism are placed in confrontation when a saying about male and female sexuality is produced. In the network society, where people are constantly attached to their phones and their applications, there exists a circulation of discourses which uphold male dominance over women. However, there also exists, in this very same network, the creation of spaces of resistance which seek to question certain meanings imposed on woman and her body by a patriarchal society.

Keywords: Applications; Social Networks; Feminism; Machismo.

Introdução

Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1997), analisaremos três posts publicados na página do *Facebook* da Marcha das Vadias de Brasília¹ (dois sobre o aplicativo Tubby e outro sobre o aplicativo Lulu) e textos jornalísticos sobre a divulgação desses aplicativos. Tubby e Lulu são aplicativos para celulares, em que homens e mulheres são avaliados em relação ao seu desempenho sexual. O primeiro aplicativo criado foi o Lulu. Este permite às mulheres compartilharem informações acerca dos homens com quem saem. Após a criação desse aplicativo, os homens, em um gesto de “vingança”, de “revanche”, criaram o Tubby, o qual analisa o desempenho sexual das mulheres.

Como mostraremos em nossas análises, a partir do momento em que esses aplicativos são criados, inúmeros textos passam a circular no ciberespaço tentando compreender os efeitos de sentidos que eles provocam. Como questões para a análise de nosso corpus, temos: como um discurso sobre a mulher, atravessado por um discurso de violência, aparece e circula nesses textos? Como sujeitos, na posição de mulheres, buscam resistir diante de um discurso que a avalia e a violenta? Como os homens, em resposta a dizeres sobre sua sexualidade, seu corpo, buscam se significar no espaço digital e na sociedade? Os efeitos de sentidos produzidos por essas materialidades não só dão eco, como explicitaremos, a um discurso machista que violenta a mulher por ela dizer ter desejos, como também, por outro lado, criam um espaço de resistência, espaço esse que afirma a mulher, por ela poder ter a sua voz e poder dizer o que pensa sobre si, sobre o homem, sobre a sexualidade que os constitui.

Nosso trabalho divide-se em quatro momentos. No primeiro, apresentaremos nossa perspectiva teórica – a Análise de Discurso pecheuxtiana – e os conceitos mobilizados para a análise – assujeitamento e corpo. No segundo momento, discorreremos sobre a sociedade em rede, analisando como as tecnologias passam a permear as relações sociais e a constituir a sociedade contemporânea, dando a esta a sensação de pertencimento ao viver conectada ao ciberespaço. Na continuidade, refletiremos sobre a questão da sexualidade feminina e da “dominação masculina”, partindo de uma

¹ A Marcha das Vadias é um movimento que surgiu em 2011, no Canadá, após um policial, em uma palestra na York University de Toronto, recomendar que as mulheres “evitassem se vestir como putas para não serem vítimas de estupro”. Em confronto a esse dizer que culpabiliza a vítima pelo estupro, surge a *Slut Walk*, a Marcha das Vadias, a qual se espalhou pelo mundo, chegando a diversas cidades brasileiras.

discussão de Bourdieu (1998). Por fim, traremos a análise de alguns recortes de textos jornalísticos sobre os aplicativos Tubby e Lulu e as postagens da Marcha das Vadias de Brasília, mostrando como discursos sobre a mulher, o homem, seus corpos e suas sexualidades são colocados em evidência. Assim, ao analisarmos esse corpus heterogêneo, apontaremos como esses discursos estão em constante confronto na sociedade contemporânea que vive conectada à rede.

1. Análise de Discurso: o sujeito e seu corpo

A Análise de Discurso, doravante AD, constitui-se, salienta Orlandi (2006, p. 13), “no interior das consequências teóricas estabelecidas por três rupturas que estabelecem novos campos de saber: a que institui a linguística, a que constitui a psicanálise e a que constitui o marxismo”. Assim, a Linguística mostra que a língua não é transparente, ela tem uma materialidade que lhe é própria; o Materialismo Histórico explicita que a história tem sua materialidade, o homem faz história, mas essa não lhe é transparente; e a Psicanálise afirma que o sujeito tem sua opacidade, ele não é transparente nem para si mesmo.

A AD, porém, tem seu método e seu objeto próprio que se relacionam com a linguística, o marxismo e a psicanálise, mas que não se confundem com eles. A AD constitui-se como uma “disciplina de entremeio” que se formula na contradição desses três campos de saber. Segundo Orlandi (2007, p. 23), uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, o que corresponde a dizer que ela não acumula conhecimentos, mas discute seus pressupostos continuamente; assim, a teoria discursiva de Pêcheux formula-se na/pela contradição da relação das ciências humanas e sociais; não se pode dizer, no entanto, que esse campo é interdisciplinar, já que não se forma a partir da junção de disciplinas em suas contradições. Para a AD (ORLANDI, 2002), (i) a língua tem sua ordem própria, sendo relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); (ii) a história tem seu real, afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); (iii) o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tem controle pelo modo como esses reais o afetam. Isso resulta em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Sendo assim, o assujeitamento, para a AD, é a própria possibilidade de se ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua)

para ser sujeito de (o que diz). Desse modo, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, e este se submete à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história. Como colocam Pêcheux e Fuchs (1997):

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeito (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistemas de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 162).

O paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência forma-se em torno da interpretação de que “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito” que tem sempre “um efeito retroativo que faz com que o indivíduo seja ‘sempre-já-sujeito’”, pois “o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, 1997, p. 141). A interpelação ocorre de “tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166).

O sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso. Isto é, há, em toda língua, mecanismos de projeção que permitem passar da situação sujeito para posição-sujeito no discurso. Nesses termos, não é o sujeito físico, empírico, que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva, ou seja, uma projeção imaginária de certo lugar de dizer. Na perspectiva discursiva, a posição-sujeito é resultante do processo de incorporação de discursos e, ao mesmo tempo, da dissimulação pela qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui, absorvendo o interdiscurso no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito e, simultaneamente, os efeitos de intersubjetividade nos quais o sujeito se reconhece especularmente em outro sujeito.

Em nossas análises, mostraremos como a mulher é interpelada, nos discursos que circulam no ciberespaço sobre seu corpo, sua sexualidade, seus desejos, para que ela se constitua enquanto sujeito. Interpelada por dizeres machistas, a posição sujeito que se espera da mulher, em um processo de identificação a esses discursos que a interpelam, é a de submissa, recatada, a que se deixa dominar pelo homem, principalmente, quando o assunto é a sexualidade. Todavia, por não se identificar com essa formação discursiva, a mulher, em um gesto de resistência, busca formular outros dizeres que tentam significá-la na sociedade.

Outro ponto a ser considerado, ao se trabalhar a questão da constituição do sujeito na AD, é o modo como o corpo entra em funcionamento na materialidade discursiva. De acordo com Orlandi (2012, p. 87), “a forma-sujeito-histórica tem sua materialidade e o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado. A ideologia, na perspectiva discursiva, é uma prática e esta prática envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito”. Na AD, ao relacionarmos sujeito-corpo-linguagem-sociedade, buscamos, como aponta Orlandi (2012), compreender como o corpo, pensando-se a materialidade do sujeito, sua historicidade, é significado em um ou outro espaço de existência, considerando que o espaço significa.

Como se constituem seus processos de significação (interpelação, individuação, identificação) concebendo os homens como seres simbólicos e histórico-sociais, pensando-se o interdiscurso e sua relação ao espaço. Como, em sua materialidade, os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora de lugar. O comum, o normatizado, o hegemônico. O corpo do rico e do pobre. Temos observado as distintas formas como o corpo significa, se textualiza, circula pela existência de significantes distintos, sendo o homem um sujeito que interpreta e é interpretado. Finalmente, penso que a questão central é qual é a relação do corpo com a ideologia? (ORLANDI, 2012, p. 87).

Ao analisarmos as formulações sobre os aplicativos Tubby e Lulu, objetivamos perceber como o corpo da mulher e do homem são colocados em funcionamento na materialidade discursiva. Como os corpos significam nos textos que falam sobre os aplicativos? O corpo do homem tem uma significação diferente do corpo da mulher? Como o corpo dos sujeitos relaciona-se com a questão do prazer, do gozo? Como o corpo faz circular sentidos às posições de mulher e de homem na sociedade? Como nos diz a referida autora:

Ou dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundava em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado (ORLANDI, 2012, p. 92).

Assim, buscaremos analisar como os corpos do homem e da mulher funcionam nas materialidades analisadas e significam um discurso, muitas vezes, sexista, baseado na desigualdade de gênero.

2. A sociedade em rede: conectada a que dizeres?

Nesta parte, discutiremos em que consiste a sociedade em rede, como esta funciona no ciberespaço e produz novas formas de relação e socialização entre os sujeitos. O nosso mundo, como aponta Castells (2005), está em processo de transformação estrutural, desde há duas décadas, em virtude da emergência das tecnologias da comunicação e da informação. “É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação que começam a tomar forma nos anos 60 e que difundiram de forma desigual por todo o mundo” (p. 17). Para o autor, a tecnologia é condição necessária, porém, não suficiente para a “emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital” (2005, p. 17). A formação de redes, compreendidas elas como um conjunto de nós interconectados, é uma prática humana muito antiga. O que é novo, como ressalta Castells, é o fato de serem de base microeletrônica, “através de redes de tecnologias que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social, as redes” (2005, p. 17).

Martins (2008) coloca que houve um tempo em que as ruas eram os alvos das massas. “Agora, as rotas do ciberespaço são fluxos onde o desaparecimento dos aglomerados leva à transfiguração do social. Uma opção da vida: a vida virtual com seus tempos e espaços interativos” (p. 27-28). Dias (2012) aponta também que o mundo passa por um processo de construção de novos paradigmas para pensar o homem nas suas relações humanas e sociais. O paradigma informático tem ocupado um lugar central nessa ressignificação do mundo:

[...] no campo político-administrativo, com a implementação de governos eletrônicos (e-gov) e cidades digitais; no campo econômico, com a virtualização do capital e a criação de grandes redes econômicas através da globalização; no campo da Educação, com programas de Ensino a Distância (EAD), alfabetização digital, computador nas escolas; no campo das Artes, com as artes digitais; no campo da Geografia, com o geoprocessamento e o Sistema de Informação Geográfica (SIG). Em todos esses campos, uma outra territorialidade se organiza. Enfim, a base político-econômico-social da

nossa sociedade reestrutura seu modo de atuação, produzindo e produzida por uma cultura do digital. Com isso, o sujeito cria novas formas de ser e estar no mundo. Um novo espaço de organização dos sentidos (DIAS, 2012, p. 15-16).

Romão (2004, p. 71) salienta que “o século XXI nasce com marcas de silício nas veias, embalado pelo ideário de liberdade construído a partir da explosão das tecnologias de comunicação, especialmente aquelas que proporcionam velocidade, mobilidade e ubiquidade”. Tais traços imprimem outra forma de mediação da linguagem, no caso, mediada pela máquina na rede digital, apontando assim um outro modo de funcionamento discursivo. Isso porque, além de possibilitar a vivência da mobilidade, ubiquidade, a sociedade em rede, por meio das tecnologias da comunicação (computadores, celulares, etc.), vive também a abertura para a possibilidade do encontro, no espaço digital, com o outro. Mesmo que não acesse discursos que não concorde, que refute, o sujeito conectado convive com esses discursos que estão em funcionamento na rede. No ciberespaço, o mesmo e o diferente circulam e produzem sentidos. A rede é um espaço heterogêneo que se abre para o múltiplo, todavia, um múltiplo permeado por relações de poder em que se permitem certos dizeres, mas interditam-se outros; ainda que de forma velada e sob a evidência ideológica de que tudo pode ser dito, certos sentidos tidos como indesejáveis são interditados, interrompidos e descontínuos.

Avançando na direção de relacionar essa condição de ubiquidade e onipresença na contemporaneidade com o que temos estudado sobre o discurso, formulamos que o sujeito-navegador sustenta-se por um dizer aparentemente sem pausa, em um fluxo contínuo de palavras alheias com as suas, em uma rede de dizer que só se funda e vale no enquanto da circulação. Mais ainda: esse processo de constituição de sentidos na rede digital encurta o intervalo entre a produção e a circulação, fazendo parecer evidente que as palavras deslizem (in)finitamente por entre nós da malha digital tão logo sejam ditas. Como ressalta Dias:

Não é possível negar que o conceito de ciberespaço produziu um deslocamento na rede de significação do mundo. O uso da Internet constitui o ciberespaço e institui com ele novas formas de sociabilidade com os chats, as redes sociais de relacionamento, os fóruns de discussão, os blogs, as conversas instantâneas, etc. Hoje, o ciberespaço está por toda parte constituindo o real da cidade, do espaço urbano, tecendo novas formas de relação entre os sujeitos, com uma linguagem própria, uma temporalidade outra. Novas formas de identidade, de subjetividade, construindo o espaço-tempo virtual (DIAS, 2012, p. 17).

A rede produz, portanto, novas formas de individuação dos sujeitos; abre para a multiplicidade dos sentidos; sustenta desavenças, conflitos. A rede é um espaço heterogêneo que permite ao sujeito do século XXI ler temas que o afetam, dizer fatos que o incomodam, avaliar os sujeitos que fazem parte de sua rede social. Ao serem criados aplicativos avaliativos que funcionam como redes, cria-se um espaço em que o dizer sobre o outro é permitido, aparentemente, sem coerções. Na rede, permite-se, entre seus amigos conectados também ao ciberespaço, um dizer que violenta os sujeitos, que deslegitima sua posição enquanto sujeito de direitos e desejos. A sociedade passa a viver conectada na rede a dizeres em que os sujeitos estão em constantes conflitos para que a estrutura social de dominação entre homens e mulheres seja mantida. Por fim, pelos aplicativos, na rede, por dizeres violentos, silencia-se, às vezes, o sujeito que se imagina tão livre no ciberespaço.

3. Uma dominação masculina?

Discutiremos, nesta parte, brevemente o conceito de dominação masculina proposto por Bourdieu (1998) para refletirmos sobre a constituição de uma posição sujeito à mulher e ao homem na sociedade que é colocada em funcionamento nos aplicativos Tubby e Lulu. Bourdieu (1998), para desenvolver o conceito de dominação masculina, parte de sua pesquisa etnográfica sobre a sociedade Cabila², realizada durante as décadas de 1950 e 1960. Para o autor, a dominação do masculino sobre o feminino é resultado de uma violência “suave” e “invisível”, que se exerce principalmente por vias simbólicas, através do reconhecimento dos dominados. Aparentemente, está na “ordem das coisas” e é normal, não precisando enunciar-se ou justificar-se, dado que a dominação masculina coloca as diferenças biológicas entre homens e mulheres como seu fundamento natural e evidente, como se fosse uma dominação a-histórica. Para o autor:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 1998, p. 49).

² Região de cultura berbere da Argélia, Cabília ordena-se segundo o princípio androcêntrico, em que o masculino e o feminino se diferenciam. O masculino é visto como hierarquicamente superior ao feminino e é construído contra e em relação a este.

A força da dominação masculina, ressalta o estudioso, provém do fato de ela legitimar uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, na verdade, uma construção social naturalizada.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 1998, p. 82).

Ademais, pelo fato de ser cíclico, a ordem social e biológica tende a reforçar a lógica da dominação que as constitui:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo de dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 1998, p. 31).

A feminilidade, aponta Bourdieu, requer uma combinação de contenção e sedução, se parece uma forma de aquiescência em relação a expectativas masculinas, a “virilidade” também submete os homens a um intenso trabalho de socialização que estabelece um comportamento muitas vezes intangível:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo o homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade [...]. A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (BOURDIEU, 1998, p. 64-67).

Esse trabalho de Bourdieu em torno da dominação masculina sofreu algumas críticas de teóricas feministas. Essas críticas, em resumo, buscam

explicitar que Bourdieu, ao formular seu pensamento acerca da dominação masculina, não reconheceu o papel da teoria feminista e desse movimento social. Como salienta Côrrea:

De fato, o campo de estudos feministas só merece esses dois tipos de menção de Pierre Bourdieu: ou as feministas não sabem o que fazem – este livro foi escrito para mostrar-lhes o caminho da verdade, ou estão tão contaminadas pela lógica da dominação masculina que suas análises são simples réplicas do mesmo esquema classificatório de sempre (CÔRREA, 1999, p. 47).

Todavia, como adverte Scanove (2008), ainda que sejam bastante criticadas, algumas reflexões de Bourdieu são importantes para análises das relações de gênero das sociedades ocidentais, uma vez que evidenciam como essas relações entre os gêneros são tensas e historicamente constituídas.

Como mostraremos em nossas análises, há na sociedade um discurso que legitima a dominação masculina e coloca a mulher em uma posição de submissão ao homem. Ao serem criados os aplicativos avaliativos, evidencia-se essa divisão de gênero e legitima-se a posição masculina. Mesmo criando um aplicativo em que a mulher poderá avaliar o homem, este em uma atitude de vingança, revanche, deslegitima o dizer feminino e formula seu dizer, colocando o homem em uma atitude de superioridade, pois criou um aplicativo falso que buscou produzir uma discussão sobre a objetificação das pessoas e não ficou categorizando, por fim, as mulheres.

4. Tubby e Lulu: um discurso da vingança

Mobilizando a noção de *recorte* (ORLANDI, 1984), analisaremos alguns textos jornalísticos sobre os aplicativos Tubby e Lulu e as postagens da Marcha das Vadias sobre esses aplicativos. Para Orlandi (1984, p. 14): “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim um recorte é um fragmento de situação discursiva”. Com o gesto de recortar, o analista visa a analisar o funcionamento discursivo do texto, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre os elementos significantes. Ao analisarmos recortes dos textos, pretendemos refletir sobre as condições de produção atuais que permitem dizer sobre as relações (“vingativas”) entre homens e mulheres e sobre sua sexualidade e seu prazer.

Os textos selecionados para essa análise são:

- “Lulu para homens”, aplicativo Tubby rejeita rótulo machista (T1);
- Aplicativo promete avaliar mulheres como “vingança” ao Lulu (T2);
- Tubby: a revanche masculina para o app “Lulu” (T3);
- “Lulu”, machismo invertido (T4);
- Esse texto não é sobre o Lulu e o Tubby (T5);
- Tubby app é falso: aplicativo protesta contra a exposição da intimidade (T6).

O primeiro aplicativo a ser criado foi o Lulu, no qual as mulheres poderiam avaliar seus (ex)parceiros em relação a alguns critérios. O Tubby surge após o Lulu como uma resposta masculina a essa avaliação feminina. Temos, aparentemente, a instauração de uma guerra entre os sexos, na qual somente um poderá ser vencedor, dominador. O nome dos aplicativos faz referência ao desenho “Luluzinha”, o qual surgiu pela primeira vez em 1935 e foi considerado um dos símbolos da emancipação feminina e das conquistas de gênero do período. Em sua estreia, no jornal “Saturday Evening Post”, Luluzinha atrai uma trilha de cascas de bananas no caminho de uma noiva na igreja. A artista norte-americana Marjorie Henderson Buell (1904-1993) deu vida à Luluzinha; no entanto, foi o quadrinista John Stanley (1914-1993) que assinou a criação de histórias mais longas à personagem³. O personagem Tubby, ou Bolinha, como foi nomeado em português, faz parte da turma da Luluzinha. Os dois vivem em constantes conflitos na história, o que acaba sendo reproduzido pelos aplicativos. Os textos jornalísticos apontam para a criação desses aplicativos e para o surgimento de uma disputa entremeada por um discurso da vingança entre homens e mulheres:

(1) Três brasileiros decidiram pegar carona nas polêmicas em torno do Lulu e lançar um aplicativo reverso. E o nome dele não poderia ser mais apropriado: Tubby - o original do personagem Bolinha, amigo da Luluzinha. No Tubby, homens poderão fazer análises sobre as mulheres que conhecem usando hashtags para falar sobre seus pontos positivos e negativos - haverá a etiqueta #CurteTapas, por exemplo, entre algumas mais leves e mais pesadas. (T1)

(2) Os homens que quiserem uma revanche após terem sido avaliados no Lulu já podem se preparar. Um grupo de desenvolvedores brasileiros está preparando o Tubby, que já está sendo conhecido como a “versão masculina” do concorrente e vai permitir que as mulheres sejam analisadas com parâmetros semelhantes, por meio de hashtags e notas. (T3)

³ Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/826860-conheca-a-historia-de-luluzinha-personagem-comemora-75-anos.shtml>. Acesso em: 1 ago. 2014.

Ao “pegar carona” em outro aplicativo já existente (Lulu), o Tubby busca criar uma polêmica em torno do avaliar o outro. O Lulu já havia causado polêmicas por colocar em evidência uma avaliação (sobre a aparência, o humor, o beijo, a educação, a ambição, o sexo e o compromisso), feita por mulheres, sobre o homem:



Figura 1: Aplicativo Lulu.

Fonte: Aplicativo Lulu.

Embora houvesse inúmeros critérios na avaliação do aplicativo Lulu, o recorte, pelos textos jornalísticos, e a polêmica são feitos pela questão da sexualidade. O que os textos focam é uma avaliação sobre o desempenho sexual masculino. Para os textos, a mulher coloca em questionamento a “virilidade”, o corpo do homem e este, em um gesto de vingança, – “sua vingança está por vir. Espere por nós” (T2) – também a avaliará. Todavia, não é uma avaliação que envolve diversos critérios e sim um único: como é essa mulher na cama. O homem tem sua “aptidão” avaliada e, por isso, avaliará a “performance” da mulher. Naturaliza-se a questão da sexualidade masculina, o homem seria um sujeito que já nasce apto a desempenhar sua posição de homem viril, que já nasce sendo capaz de ser bom na cama. Anotamos que esse efeito ideológico de evidência faz parecer tal verdade irrefutável, o que não seria válido para a mulher. Esta desempenharia uma performance na cama, e é isso que o homem julgará, tomando como

vingança, por ter sua virilidade – naturalizada – questionada e exposta às mulheres pelo uso de aplicativos como o Lulu:

(3) “Chegou a hora de nossa vingança. Depois de termos nossas aptidões expostas para todas as mulheres, o Tubby chegou para inverter o jogo. Em breve.” Nesta quinta-feira um site e uma página de Facebook anunciavam o lançamento de um suposto TubbyApp. Como se vê, seria uma “resposta” ao Lulu. Segundo os mantenedores da página, o aplicativo estará em breve na Apple Store e no Google Play e funcionará de forma semelhante ao já famoso Lulu. Ou seja: aceitará apenas contas de Facebook de usuários do sexo masculino e servirá para avaliações de performances sexuais de usuárias do sexo feminino (T2).

Os aplicativos colocam em funcionamento as relações sociais sendo permeadas pelas tecnologias. Os indivíduos que podem ter acesso aos aplicativos são aqueles que já vivem conectados às redes, principalmente ao *Facebook*. As relações avaliativas são virtualizadas e expostas na rede, no ciberespaço. Assim, podem-se ver as avaliações ao se estar conectado à rede e aos aplicativos. Com o advento das tecnologias, instaura-se mais uma forma de socialização/avaliação. Há, em alguns textos jornalísticos, um questionamento sobre essa vingança, revanche, mostrando que não se trata de questões de direitos iguais e sim de mais uma forma de violência simbólica contra as mulheres que precisa ser questionada. Tal questionamento também pode ser visto nos posts da Marcha das Vadias de Brasília:



Figura 2: Marcha das Vadias.
Fonte: *Facebook*⁴.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/?fref=ts>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

E esse aplicativo absurdo? Como se as mulheres já não levassem xingamentos e cantadas por todos os lados apenas porque são mulheres, apenas porque estão de saia, apenas porque estão passando.

<http://www.tubbyapp.com/> vcs já viram isso?

"piranha na cama"

"curte tapa"

"engole tudo"

Esperamos que nem entre no ar. Tem muita gente dizendo que vai processar assim que ver que existe um perfil com seu nome.



Tubby App - Sua vez de descobrir se ela é boa de cama.
www.tubbyapp.com

Você já ficou curioso para saber se aquela sua amiga do facebook é ousada na cama ? O Tubby vai te ajudar a encontrar essa resposta!

Figura 3: Marcha das Vadias.

Fonte: *Facebook*⁵.

(4) PS: as mulheres já são avaliadas sexualmente em milhares de sites, programas de TVs, jornais, revistas, aplicativos e na vida real. Diariamente, a cada minuto. Argumentar que este suposto novo aplicativo é apenas uma questão de “direitos iguais” não corresponde à realidade. Acha exagero? Pergunte à sua amiga, filha, colega de trabalho, irmã ou namorada (T2).

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/?fref=ts>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

(5) dado o machismo estrutural, é uma falsa simetria equiparar um aplicativo como o Lulu com as avaliações e rankeamentos constantes feitos sobre mulheres dentro e fora de redes sociais e gadgets. Nós, mulheres, somos avaliadas pela maneira como nos comportamos (sobretudo sexualmente) o tempo todo. Inclusive em questões como nossas carreiras. Somos avaliadas pela nossa aparência, inclusive como forma de medirem nossa competência. Esses são dois dos muitos critérios pelos quais somos constantemente julgadas - e não só em relacionamentos, ficadas e afins (T4).

Esses recortes trazem que as avaliações em torno das mulheres são anteriores ao aplicativo e são frequentes. Diferentes textos tentam mostrar que o aplicativo Tubby, embora seus fundadores afirmem não ser um aplicativo machista, veicula um discurso machista patriarcal que violenta mais uma vez as mulheres, ou seja, tal programa é mais um instrumento repressor da mulher e de sua sexualidade. Certos recortes sustentam que o Lulu não é um aplicativo machista ao reverso, mas sim uma forma de a mulher ter voz e tornar evidente - por seus desejos e prazeres - seu corpo, bem como um instrumento a mais para mostrar que a sociedade não é igualitária quando se fala de homens e mulheres.

Há, ainda, uma objetificação que se dá pela avaliação do corpo, do desejo da mulher, embora diferentes textos sustentem que o aplicativo Lulu também estaria transformando o homem em objeto (o que não seria possível, uma vez que a objetificação da mulher é uma constituição histórica, somente ela é significada dessa forma, o que não ocorre no caso do homem. Desse modo, qualquer dizer sobre a objetificação masculina é caricatural). Na página do *Facebook* da Marcha das Vadias, um post vai ser divulgado, colocando em questionamento a avaliação no Lulu. Em um tom de brincadeira, caricaturizando o homem, a Marcha confronta atitudes machistas – chamar uma mulher de gostosa, dizer que a chupava toda – com a avaliação feita no aplicativo:



Figura 4: Marcha das Vadias.

Fonte: *Facebook*⁶.

No discurso da sociedade, essas avaliações seriam “vandalismo”. Dizer que é vandalismo retoma as manifestações do ano passado em que diversas atitudes, das mais corriqueiras às mais militantes, foram consideradas, pela mídia, pelos órgãos repressores, como atitudes desse teor. Ao trazer essa discursividade, a Marcha mostra como a sociedade não age de maneira igualitária nas relações de gênero ao dizer sobre o corpo do homem e da mulher:

(6) Quem realmente acha que o Lulu está sendo um equilíbrio, uma revanche completa de toda a objetificação que as mulheres sofrem diariamente, nunca conversou com qualquer mulher. (T5)

(7) De toda a polêmica de Lulu/Tubby o que mais me incomoda – e assusta – é a noção do que é igualdade para alguns homens. (T5).

Por ameaçar a posição do homem como um ser macho, viril, os homens, pelas *hashtags* que escreveriam no Lulu:

(8) Tenho coletado vários exemplos de *hashtags* que vários caras disseram que gostariam de taggear as mulheres em um aplicativo inverso do Lulu. Algumas deles são: #BucetaFedida, #DáNoPrimeiroEncontro, #DáABunda, #DáDeQuatro, #FazComMaisDeUm, #MamaEuEUzamigos. Isso sem

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/?fref=ts>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

contar o que o Tubby já promete, como #EngoleTudo e #CurteTapas. Em todas as reclamações que vi de caras que davam exemplos de hashtags, não encontrei nenhuma que não fale de sexo. (T5)

produzem uma violência que busca subjugar a mulher, seu corpo, seu desejo e seu prazer. A mulher que avalia um homem no Lulu acaba por ser alvo de ofensas e ter, como legítima, uma posição de “puta” por se mostrar como um sujeito desejante, que gosta de e espera prazer. Dados são apresentados nos recortes que explicitam o porquê de o homem não precisar de espaços que o protejam:

(9) Ah! Ainda tem aqueles que acham que não precisa de Delegacia da Mulher mesmo. Ou pior! Aqueles que afirmam que, por causa da Lei Maria da Penha, por exemplo, “as mulheres os desrespeitam mais”. E não são poucos que pensam isso, não! 37%! MAIS DE UM TERÇO. Vale dizer que esses são, normalmente, os que dizem que “o homem só bate porque a mulher provoca” (29% dos homens). Isso sem contar os milhares de casos de estupro cuja culpa é da roupa que a garota usa e não do estuprador, né? E isso não é opinião de qualquer um não. É opinião de policiais, juízes, o que for, homens que definem as leis. Realmente... Não precisamos de delegacia para mulher. (T5)

Por ser uma sociedade machista, patriarcal, o homem tem uma posição de dominação já estabilizada e legitimada. O que o Tubby e o Lulu mostram é como a sociedade trata de modo diferenciado homens e mulheres quando o assunto é sexualidade. Ao homem, o prazer, o desejo, a dominação, o saber, o não julgamento final, a mensagem que diz falar de respeito, intimidade e privacidade; à mulher, a submissão, o não prazer, o não desejo, a publicação de avaliações, o silenciamento, seja por meio de aplicativos que se dizem falsos, que depois se colocam contra a exposição da intimidade, seja por *hashtags* que dizem como os homens veem as mulheres.

Ao noticiar que o Tubby era um aplicativo falso, por meio de um vídeo na página do aplicativo do Google Play, o grupo que pensou a criação do aplicativo coloca que o vídeo não é “uma trollagem”, mas sim “uma mensagem”:



Figura 5: Aplicativo Tubby
Fonte: *Youtube*⁷.

(10) O Tubby App surpreendeu internautas na madrugada desta sexta-feira (6). Pouco depois do horário inicialmente marcado para o lançamento, o app chegou ao Google Play. Em vez do programa inicialmente prometido, havia um comunicado oficial em vídeo - o mesmo publicado no site oficial do Tubby, acompanhado da hashtag

No vídeo, um suposto acionista explica as hashtags do aplicativo, sem dar mais detalhes sobre o app. No entanto, ao ativar o recurso de legendas, optando pelo idioma coreano, a mensagem verdadeira aparece. “Pessoas não são objetos, e a intimidade de um relacionamento, por pior que tenha sido, não pode ser exposta dessa forma. Esse tipo de aplicativo pode até ser ‘mera brincadeira’, mas dão (sic) as ferramentas para pessoas anonimamente fazerem estragos na imagem pública das outras, caso ainda mais grave nos dias atuais em que observamos intimidades filmadas por ex-namorados vazando na rede e tende repercussões drásticas”.

O vídeo também não poupou críticas a aplicativos como o Lulu. “Sem falar no aspecto sexista, machista, heteronormativo e cruel, dentre outros retrocessos que essa futilidade promove. Vocês já ouviram falar de respeito, intimidade e privacidade?” (T6)

Esse vídeo busca encerrar uma discussão em torno dos aplicativos Tubby e Lulu. Na posição de um homem, um dizer que fala sobre a objetificação das pessoas, a exposição da intimidade, dos relacionamentos, o modo como essas avaliações são machistas, heteronormativas e cruéis. O vídeo só não coloca que esses dizeres já estavam sendo ditos pelos movimentos feministas que tentam legitimar uma posição à mulher muito antes de aplicativos serem

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SDb63bb4UPY>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

criados. Mais uma vez, da posição homem, se mostra que quem detém o conhecimento e sabe dizer sobre a violência contra a mulher é o homem. Toda a discussão em torno dos aplicativos só começou porque se colocou em questionamento a posição tão legitimada do homem viril, questionou-se a dominação masculina em uma sociedade em que o feminino não pode ter voz, nem desejo, quanto mais prazer.

Considerações Finais: o que (não) pode a mulher

Buscamos, neste trabalho, analisar como alguns recortes dos textos jornalísticos inscrevem-se em uma discursividade machista, mostrando que o aplicativo Tubby, em seu gesto de vingança, de revanche, diz o que é o homem e o que este espera de uma mulher: que nunca o avalie, que seja submissa. Já outros recortes, filiados a um discurso de resistência, inscrevem seus dizeres em uma discursividade que busca defender a mulher, que salienta o direito à voz e ao corpo feminino.

Como explicitamos, o discurso da violência atravessa os dizeres sobre a mulher de forma nuançada e por vezes disfarçada. Alguns recortes colocam o aplicativo como mais uma forma legitimada de violência contra a mulher. Por querer avaliar o homem, a mulher, para a sociedade machista, pode também ser avaliada, afinal, “os direitos devem ser iguais a todos”. Notamos que as *hashtags* masculinas sobre o modo como é e como age a mulher na cama buscam deslegitimar a mulher de sua posição sujeito. Ao dizer sobre “defeitos” de seu corpo ou de sua sexualidade, o discurso machista, evidenciado no aplicativo Tubby, violenta a mulher de forma a ofendê-la e silenciá-la. Diante dessa violência simbólica, os movimentos feministas divulgam na rede, principalmente no *Facebook*, diversos textos, posts, vídeos que têm como finalidade levar a mulher a refletir sobre sua posição-sujeito, a dizer o que sente, deseja. Os movimentos feministas, frente à era digital, conseguem ainda mais espaço à voz da mulher. No ciberespaço, nas páginas do *Facebook* dos coletivos feministas, aqui da Marcha das Vadias, a mulher pode dizer quem ela é, o que lhe dá prazer, o que lhe incomoda. Às páginas, traz-se, de um lado, o discurso machista para mostrar como a sociedade vê a mulher; de outro, traz-se o discurso machista para confrontá-lo e fundar um discurso que legitima a posição-mulher.

O corpo da mulher é colocado como um corpo que não pode ter prazer, como um corpo que deve ser objeto de prazer do homem. Já o corpo do homem é visto como destinado ao prazer do sujeito viril. Os corpos dos sujeitos homem e mulher passam a ter significações diferentes: um é

destinado ao prazer – corpo do homem –, o outro é destinado a dar prazer e ser objeto de avaliação de sua “performance” sexual – corpo da mulher. À mulher, pelo discurso machista dominante, não é permitido o gozo, o deleite de uma relação. Já ao homem, esse gozo é quase naturalizado e imprescindível como marca de sua virilidade. Por fim, o aplicativo Lulu, de certo modo, não só tenta romper com discursos que sustentam a dominação masculina sobre o feminino, como mostra que a mulher não deseja ser objeto de dominação - não quer ser submissa, não quer ser passiva - e, também, evidencia que as mulheres têm desejos, age quando o assunto é sua sexualidade. Esse programa funciona diferentemente do aplicativo Tubby, o qual evidencia o imaginário de dominação masculina e espera que o homem prove sua virilidade e não permita a ninguém, muito menos às mulheres, questionarem sua posição de macho viril. Mesmo sendo um aplicativo falso, a mulher foi colocada em uma posição em que, mais uma vez, se justificou a violência que ela sofre como culpa da própria mulher e de suas atitudes que questionam os sentidos impostos.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: _____; CARDOSO, G. **A sociedade em rede**. Do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005. p. 17-30.

CORREA, M. Bourdieu e o sexo da dominação. **Revista Novos Estudos**, CEBRAP, n. 54, jul, p. 43-53. 1999.

DIAS, C. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

MARTINS, F. M. **Impressões digitais**: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Linguística**: questões e controvérsias. Serie Estudos, n. 10. Uberaba: Fiube, 1984. p. 9-26.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Análise de Discurso. In: RODRIGUES-LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.

_____. Apresentação: há palavras que mudam de sentido, outras... demoram mais. In: _____. (Org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007. p. 7-10.

_____. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas: RG, 2010.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: _____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012. p. 83-96.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectiva. In: GABET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

ROMÃO, L. M. S. Nós, desconhecidos, na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, p. 71-91. 2004.

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 173-186. 2008.

Textos jornalísticos analisados

BOCCHINI, Lino. Aplicativo promete avaliar mulheres como “vingança” ao Lulu. **Carta Capital**. 28 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-lino/aplicativo-que-avaliara-mulheres-promete-201cvinganca201d-ao-lulu-3866.html>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

DEMARTINI, Felipe. Tubby: a revanche masculina para o app Lulu. **Canaltech**. 27 nov. 2013. Disponível em: <<http://canaltech.com.br/materia/redes-sociais/Tubby-a-revanche-de-quem-foi-avaliado-no-Lulu/#ixzz2m9WICHV3>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

DÍAS, Isadora. Tubby app é falo: aplicativo protesta contra exposição da intimidade. **Techtudo**. 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/12/falso-app-tubby-faz-parte-de-campanha-contrajustificacao-de-pessoas.html>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

MOSCHKLOVICH, Marília. “Lulu”, machismo invertido. **Carta Capital**. 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/2013/11/25/machismo-invertido-7277.html>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

PACHECO, Felipe. Esse texto não é sobre o Lulu e o Tubby. **Blogueiras Feministas**. 13 dez. 2013. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/12/esse-texto-nao-e-sobre-o-lulu-e-o-tubby/>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

PEREIRA, Leonardo. “Lulu para homens”, aplicativo Tubby rejeita rótulo machista. **Olhar digital**. 27 nov. 2013. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/39055/39055>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

Recebido em: 31/07/2016

Aceito em: 05/12/2016